

São Paulo, 07 de maio de 2012

Comentários sobre o evento: Avaliação de Ciclo de Vida – ACV na Indústria

Por Alexandre Yokote

Hoje em especial vou comentar um evento ocorrido na presente data, 07 de maio de 2012, sobre avaliação de ciclo de vida (ACV).

Antes de qualquer coisa, vale lembrar que a ACV é uma ferramenta de suporte à tomada de decisão ao consolidar quantitativamente aspectos ambientais (Inventário) e Impactos ambientais ao longo das etapas de ciclo de vida de um produto, do berço ao túmulo. Esse consolidado permite uma análise de oportunidades de melhoria ou um benchmarking ambiental ao indicar qual a “pegada ambiental” associada a cada etapa da existência de um produto desenvolvido para satisfazer uma necessidade humana.

Lembrando que a grande diferença com outras ferramentas é pelo fato de ser uma avaliação com foco na função de um produto e não no processo, o que expande o escopo do mapeamento, dando um caráter holístico.

Eu pessoalmente estudo ACV e uso a abordagem de ciclo de vida (aqui no Brasil chamado de pensamento ao invés de abordagem, sobre a tradução direta do life cycle thinking) a mais de uma década, tanto na vida acadêmica como profissional e em geral integrado com a abordagem em riscos. Neste contexto reforço que a ACV não é uma ferramenta do amanhã e sim uma importante ferramenta hoje, para a melhoria contínua do desempenho ambiental de produtos e serviços e para a meta de sustentabilidade organizacional.

Voltando ao evento coordenado pela ABCV (Associação Brasileira de Ciclo de Vida) e IEE-USP (Instituto de Eletrotécnica e Energia), nas pessoas de Prof Gil Anderi da Silva e Ildo Luis Sauer, respectivamente, teve a ilustre participação de Mary Ann Curran da USEPA (United States Environmental Protection Agency) com suporte do consulado americano, além de Cecília Leite do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), Beatriz Luz da Braskem, Juliana Nunes da Unilever e Bruno Pereira da Dow Química.

Na plateia (por acaso cheia) foi importante ver representação de diversas instituições públicas e privadas de diferentes setores, mostrando que o assunto está realmente ganhando força no mercado.

As apresentações foram boas, pois foi destacada tanto a parte conceitual aos iniciantes, quanto cases e principalmente a integração da ferramenta no processo decisório das empresas como parte da estratégia de sustentabilidade.

Mary Ann em sua apresentação apresentou a evolução do tema nos últimos anos (por exemplo a existência de 4.500 citações de ACV entre 1999 e 2010 via search no SCOPUS), a evolução dos modelos de impacto ambiental e como foi a história de ACV na USEPA e como é atualmente o processo de melhoria contínua na incorporação de ACV. Além disso destacou um artigo in press sobre avaliação de biocombustível por diferentes metodologias baseadas em ciclo de vida e um novo livro que está editando (lançamento previsto para agosto).

Mas o que fica marcado foi seu comentário no debate de que na USEPA a coisa também não foi fácil e mesmo eles não estão com ACV muito bem implantado, há muita melhoria a se desenvolver no âmbito da USEPA.

Nosso status atual é como da USEPA há mais 15 anos. Com o PBACV estamos começando a construir um planejamento de implantação do ciclo de vida como uma abordagem da gestão ambiental no Brasil, via requisitos legais e programas governamentais de incentivo. Isso foi um pouco da apresentação da Cecília do IBICT. Destaca-se a cartilha de ontologia ou glossário padrão

para ciclo de vida que será lançado no próximo Congresso (III CBGCV) do assunto em setembro de 2012 (Maringá-PR).

Na apresentação da Juliana da Unilever, destaque por conta dos planos mundiais de sustentabilidade, onde se encaixam as demandas de ACV no desenvolvimento de produtos e embalagens.

Nas apresentações da Braskem e Dow a discussão maior ficou por conta do plástico verde, eteno proveniente da cana de açúcar.

Desde 2011 a Braskem passou a ter uma área dedicada à ACV. Atualmente usam o software SIMAPRO para auxílio na gestão e processamento de dados e possuem suporte de consultoria. A Dow, mundialmente já possui um setor com especialistas (5 profissionais) no assunto que agem como consultores internos à Organização, ajudando na parte estratégica dos estudos e interpretação dos resultados, bem como no suporte mundial ao desenvolvimento dos eco-profiles de plásticos. Na Dow também se utiliza o SIMAPRO e base de dados Ecoinvent.

Beatriz da Braskem informou que as empresas químicas estão desenvolvendo um guia sobre ACV para Executivos.

Um aspecto que é consenso e que ao mesmo tempo se torna uma vulnerabilidade aos estudos brasileiros é a questão da falta de informações públicas e base de dados de unidades de processo no Brasil. As empresas ainda dependem de bases de dados teóricas ou de unidades de processos de outros países, cujos dados não representam a realidade brasileira.

Outro importante aspecto fica por conta dos modelos de impacto ambiental, inexistente para o Brasil no que tange os impactos regionais. Por exemplo, a questão do impacto pelo consumo de água e uso do espaço físico. Estes dois impactos em especial criam uma grande incerteza na avaliação do ciclo de vida do etanol no Brasil, quando feito em benchmarking ao combustível fóssil. O consumo de água e espaço físico para cultura e processamento da cana é elevado em comparação à extração e refino de petróleo, por outro lado o Brasil possui grande espaço físico e volume de água, além da capacidade de renovação natural (aspecto discutível), portanto o impacto seria diferente do mesmo cultivo e processamento em lugar como Holanda.

Outro caso intrigante comentado pelo Bruno da Dow foi a autuação recebida na área de cultivo de cana da Dow em decorrência de proximidade da plantação com corpo hídrico. Porém o caso era que a área era utilizada para pecuária extensiva e quando da alteração para agrícola, houve recuperação de mata ciliar e APP, o que resultou no aumento do volume do corpo hídrico. Foi um impacto benéfico não previsto.

No debate ocorreram perguntas diversas, mas que não entrarei em detalhes.

Fica por fim uma colocação de que a ABCV seria um representante da sociedade e da iniciativa privada no desenvolvimento da ACV no Brasil e que um passo indispensável seria a padronização das técnicas e práticas dos profissionais de ACV, difusão do conceito e compromisso com o banco de dados brasileiro.